



O Gaiato

AVENCA

Quinzenário * 22 de Maio de 1976 * Ano XXXIII — N.º 840 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

10.º Dia Mundial das COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Opinião

Celebra-se no próximo dia 30 o 10.º Dia Mundial das Comunicações Sociais. O Conselho Pontifício para os «mass media» propõe à nossa reflexão o tema «As Comunicações Sociais perante os direitos e os deveres fundamentais do homem», chamando à atenção para a grave responsabilidade dos fautores da informação na formação das consciências, pelo recto e indispensável uso dos meios ao seu dispor, levando cada homem a conhecer e a exigir não só os seus direitos mas também a tomar conta dos seus deveres e da necessidade de os pôr em prática.

Na humildade da sua expressão tem sido «O GAIATO» um paladino da Verdade e um pugnador da Justiça, denunciando erros e prepotências ou escarpelizando as situações dolorosas que o Mundo nos apresenta. Ao fazê-lo, porém, nunca perdeu de vista a objectividade e a integridade dos factos, com uma actuação honesta e conveniente, em que a primazia da ordem moral, como se recomendou no Concílio, tem sido preocupação dominante. Mais, naquilo que aqui se escreve, mesmo quando, even-

tualmente, com ressaibos de dureza ou de tom mais agreste, procura-se sempre o sentido de reconciliação entre os homens, jamais o ódio ou a divisão, levando-os a sentirem-se como Irmãos, filhos do mesmo Pai ou a acatarem, ao menos, como plataforma de entendimento, os valores naturais que a todos dizem respeito, em ordem a uma sociedade mais consentânea com a dignidade da pessoa humana.

Vamos continuar este trabalho, sem pretensões ou espaventos, com uma única preocupação, que é imperativo da liturgia deste dia da Ascensão do Senhor: «Ide a todo o mundo e proclamai a Boa Nova a todas as criaturas». Queremos ser comunicadores cristãos, denunciando as iniquidades e as injustiças e inculcando nos corações dos homens, a começar por nós próprios, o amor ao bem e a repulsa pelo mal. Para o efeito, é fundamental que a Boa Nova se explicita em dar a cada um o que lhe pertence, respeitando, entre outros, os sagrados direitos aos meios de subsistência, o desenvolvimento da personalidade e da cultura, a liberdade nas relações individual e social com Deus Criador, o respeito pela vida humana desde o primeiro momento da sua existência. Em contrapartida não podemos deixar de apelar para a coerência dos homens, tendo em vista que a um direito corresponde um correlativo dever, de nada valendo proclamar os direitos fundamentais dos homens se não considerarmos que daqueles

Num País subdesenvolvido como o nosso sabe-me a petulância esta fúria contra os cursos médios que preparavam gente com bastante eficiência para postos importantes e urgentes à vida do Povo.

Já não falo em cursos ministrados em Institutos Comerciais e Industriais e em Escolas de Regentes Agrícolas que, na verdade, são para-universitários e podem considerar-se um escalão conducente a uma licenciatura. Penso, sim, nos cursos de Auxiliares, nomeadamente os de Enfermagem e de Educação Infantil. Cursos que preparavam em dois anos, após o Ciclo Preparatório e que estavam ao alcance, não só dos que têm dificuldades intelectuais que lhes tornam difícil um primeiro ciclo liceal, como os que, por falta de recursos económicos ou por adiantamento na idade, se habilitariam assim a um serviço necessário à Comunidade e grangeariam um posto de trabalho em que ganhariam a sua vida.

Quantos que tinham encaminhado seus passos neste sentido, viram o caminho barrado com a decisão precipitada, senão tendenciosa, que acabou, de facto, com tais cursos. Digo de facto, porque não sei de nenhuma determinação legal que lhes tenha posto termo, senão uma suspensão de admissões no presente ano lectivo, que bem pode ser revogada no próximo.

Não queremos negar o «quanto mais, melhor» da preparação cultural e didáctica. Pois um curso geral de Enfermagem ou de Educação Infantil tem obrigação de valorizar os que o concluem em relação aos Auxiliares. Mas também é verdade que, suposta uma tendência vocacional para estes ramos de actividade, bem pode acontecer maior êxito na acção de um Auxiliar em relação a outros, providos do Curso Geral.

Lembro-me de ouvir de um alto Responsável por um grande Hospital que eram os Auxiliares o autêntico suporte naquele Hospital. Os do Curso Geral ocupavam-se de burocracia — uma espécie de directores de serviço, muito pouco empenhados na assistência directa ao Doente. E da própria boca da Enfermeira suprema num Hospital Universitário, ouvi-a, gracejando a respeito de si-própria, que não sabia se ainda era capaz de fazer um penso ou dar uma injeção. Circunstâncias posteriores até permitiram demonstrar que era mesmo! Mas o gracejo não perdeu sua razão de ser nem lhe faltava autoridade, se quem falava o fazia a partir da sua experiência.

As nossas Edições

● No sentido de regularizarmos, na medida do possível, o ficheiro dos Assinantes da nossa Editorial — com mais de quatro mil deles — Fernando Dias mandou um postal-aviso aos silenciosos que topou de A a Z. E, agora, faz o mesmo aos Assinantes de «O GAIATO».

Surtiu efeito. Grande parte arrumou o compromisso da assinatura; outra, actualizou endereços; ainda outra, aliás diminuta, recusou a chamada. Mas todos quantos nos disseram que, por dificuldades, não poderão suportar o compromisso, esses, permanecem em nosso convívio. Precisamos é de saber, na hora própria.

Esta é uma crivagem fundamental para o próximo lançamento da quarta edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES».

● Sem ares de triunfalismo mas com a verdade que é humildade, a gente fica espantado, esmagado, com a audição de todas as obras da nossa Editorial, todas; de Pai Américo ao Padre Telmo. É que não vem dia ao mundo — repetimos

— sem distribuímos, pelo correio ou em mão própria, volumes saídos dos nossos prelos! E caso curioso: sem as promoções da praxe. É só «O GAIATO» e a procura directa dos seus Leitores. Mais nada. Procura livre; não imposta ou manipulada. Por isso, não tardarão a ficar também esgotados títulos como o «OBRA DA RUA», o 2.º e 3.º volumes do «PÃO DOS POBRES»; que o «PORTA ABERTA» foi um voar! E «O LODO E AS ESTRELAS» segue-lhe as pisadas!

● Vamos dar a palavra ao Leitor. A opinião dele é que conta.

Lisboa:

«Desculpai o meu atraso em cumprir o meu dever para convosco. Peço que continueis a enviar-me os livros da vossa Editorial e o querido jornal «O GAIATO», pois são o ar puro de que necessitamos no meio da poluição em que somos obrigados a viver. Quanta luz

Cont. na SEGUNDA pág.

Cont. na QUARTA pág.

Continua na QUARTA pág.



Um belo recanto do nosso Lar de Setúbal

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DOENÇA E DOENÇAS — Ele adoeceu. Quando fraqueja o braço de um Pobre, cabeça de casal, sabemos o que acontece: precisa de apoio moral e material. A vida está dura e difícil.

Não tinha quê para medicamentos receitados pelo clínico da Caixa, muito menos para o mínimo de subsistência da mulher e dos filhos de tenra idade!

Sem olhar a contas — e com os olhos no Alto — procurámos tapar os dois furos: farmácia e mercearia.

Ai de nós se fôssemos demasiadamente apegados ao montante das contas, se não fôssemos ousados! Haveria choro e ranger de dentes, mortes lentas entre os Pobres, no silêncio de quatro paredes; que, esses, não vão à praça pública exigir, apesar de serem os que, primeiro, teriam direito a pedir Justiça.

Hoje, o nosso Amigo abordou outra aflição. Na vida dos Pobres as aflições são em cadeia! «O médico já me deu alta. Vou trabalhar. Mas preciso de tirar o passe do comboio. São 800\$00. E como ainda não recebi o subsídio de doença, vejam se m'acodem!...»

Resolvemos o problema. Mais um. Do princípio ao fim! Enquanto nos organismos responsáveis pelo dinheiro dos Trabalhadores se cumprem regulamentos caducos e vão preenchendo e encostando papéis...

Em conclusão: quando é que os Pobres com baixa terão os subsídios de doença na hora própria, no fim da quinzena ou no fim do mês?! Já não chegamos ao ponto de, na actual conjuntura, pedir subsídio igual ao salário, ou superior como seria lógico, porque a doença é o maior calvário dos Pobres. Mas o subsídio na hora própria, isso sim. E não faziam mais do que a sua obrigação!

PARTILHA — Uma senhora da Ordem da Trindade, Porto, Assinante 32595, com 500\$00. Amigos de D. António Barroso, o costume. É a melhor homenagem a um grande Prelado da Igreja Portucalense! De Campo, 400\$00 para que «os recoveiros dos Pobres» lhes dêem «a solução que mais justa lhes pareça». Estão na mão dos Pobres! Assinante 13161, de Lisboa, 60\$00. Póvoa de Santo Adrião um donatário «para ser entregue a uma Viúva pobre». Mais a assinante 28053 com 50\$00 «para a vossa Conferência, que afinal é de todos nós, pois todos temos obrigação de ajudar os que têm ainda menos do que nós. Peço-vos perdão da insignificância. E peço, ainda, uma Avé-Maria em acção de graças, pois o bom Deus ainda quis que eu tivesse uma netinha que é o nosso encanto. Apesar de tudo, como me sinto feliz!!» Quem diria ou faria mais e melhor?! E andam os homens, por meios violentos, a tentar fazer aquilo que poderia ser feito com amor,

pelo Amor! A «velha Assinante» de Estremoz aqui vai, de novo; agora, diz, com «uma miséria, mas mais vale pouco do que nada, pela alma dos meus». Estas notas de espiritualidade cristã são verdadeiramente enternecedoras! Mais 100\$00 da rua da Saudade, Lisboa. O mesmo de uma grande Amiga de S. Mamede de Infesta. Trabalhadora fabril, mãos calejadas. O bem que esta Mulher viril faz, discretamente, entre os seus camaradas de trabalho — e na sua própria comunidade! Ouvi-la falar de Cristo, mais parece S. Paulo. Verticalidade! Agora, é Porto com «uma migalhinha muito pequenina; é só para não passar esta quadra da Páscoa em esquecimento». Duas presenças da Assinante 17022. E da Assinante 17740, 50\$00. Presenças habituais! Por fim, 500\$00 de uma Anónima.

Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

A venda do Jornal no Norte do País

Damos a palavra a «UM LEITOR»:

«Foi numa tarde de sol como muitas outras, só que era Domingo; um miúdo como muitos outros, só que era Gaiato e carregava a sacola azul e oferecia o Jornal «O GAIATO».

E nesse Domingo, eu vi que ainda há amor pelo Próximo e que também há sorrisos abertos e sinceros que agradecem um gesto simples que teve uma senhora ao pagar o lanche de um Gaiato que me fez ver num rosto de criança aquele olhar suave e aquele sorriso de gratidão aquecendo em palavras entoadas um doce obrigado.

Tive a necessária inspiração para immortalizar esta cena, já que mais não fosse, para mim e para a senhora que tal gesto teve. E por isso a cantei desta maneira:

O moço Gaiato
Pequeno e pacato
Que vende o Jornal

Após um longo dia
De muito andar
Entra no café
Para descansar

Oh alma sublime
Oh bondoso coração
Que ao miúdo paga
Torrada e galão

Que sorriso belo
Que voz tão sonora
Quando ele agradece
Para se ir embora.

Um leitor»

● Chamo-me Maurício Álvaro da Conceição, mais conhecido na Casa por «Tirolino».

É a segunda vez que escrevo para o «Famoso».

Entre para a venda em 1972. Fui para o Porto vender «O GAIATO».

Andei por lá dois anos. Depois, fui para Aveiro substituir o «Eusébio», actual chefe-maioral. Deixei a simpática cidade de Aveiro porque os estudos não davam tempo para a deslocação. Voltei outra vez para o Porto, onde actualmente me encontro. Este é o resumo da minha vida de vendedor de «O GAIATO».

Na nossa última reunião falámos sobre diversos assuntos, a salientar: escolha de novos vendedores para substituírem alguns já velhos, a saber: Barros, Emilio, Pacheco e «Régua». Entraram para os lugares destes: «Toupeira», «China», «Papagaio», Morgado e Ganhão.

Agora, dou a vez ao nosso amigo «Rouxinol».

Maurício («Tirolino»)

● Não vos vou falar dos Rapazes que se encarregam da venda do jornal, mas pelo menos vou procurar dar notícias desse serviço.

Eu («Rouxinol») gosto muito de vender o nosso jornal. Por isso, e antes que me esqueça, agradeço a todos os bracarense o que por mim têm feito; a estima e consideração, a confiança e o carinho. Enfim, tudo o que é bom para mim.

Entraram ao serviço novos rapazes na venda do jornal. Substituem os mais velhos no ofício.

Os Leitores não fiquem espantados por lhes termos tirado amigos, mas depressa arranjarão outros; pois o certo é que a vida quotidiana da nossa Casa tem de ser assim mesmo.

Um abraço para todos os meus amigos de Braga, deste vosso amigo:

«Rouxinol»

QUOTIDIANO

No parque há rosas vermelhas a

[desabrochar

Mansa pomba procura alimento perto

[de mim

No lago deserto e triste oiço água

[murmurar...

Chão húmido e frio. Descalço passa

[um caminhar

Um homem e uma mulher sentados

[no jardim

Abraçados nesta manhã de sol e ne-

[voeiro.

Criança simples de coração grande

Tem a beleza e perfume da flor.

Brincar, brincar, brincar... — Pássaro

[livre

Com ela quero aprender a sorrir

E no mundo ajudar a construir

Uma seara nova em cada dia

Onde se colha Amor, Paz, Alegria.

Pessoas livres, outras preocupadas

Olham as montras para distrair.

Jovens ciganos estão jogando às cartas

Outros... regressam do trabalho a casa.

No vinho, homens gordos, sonolentos,

Recordam sonhos por concretizar.

E... lá em baixo, junto ao mar,

Os olhos mansos dum velho pescador

Dizem «até amanhã» às redes e na-

[vios.

Manuel Amândio

Paço de Sousa

COLISEU — No passado dia 6 de Maio, nós, os de Paço de Sousa, fomos ao Coliseu ver e admirar a maravilhosa festa que as nossas Comunidades de Miranda do Corvo e Coimbra nos apresentaram.

Tenho a certeza de que a Festa agradou a todos vós.

Partimos de Casa por volta das 7 h e 30 m, em duas camionetas, onde coube e se não coube fez-se caber, a nossa Comunidade toda ou melhor, quase toda.

No Coliseu, assistimos, repito, à maravilhosa Festa dos nossos irmãos de Miranda do Corvo e Coimbra.

Tudo estava tão lindo! Luzes, cor, beleza, alegria, etc.

E aqui fica o nosso agradecimento

As nossas Edições

Cont. da PRIMEIRA pág.

me tem vindo dos vossos livros! É indesculpável que, depois do bem que me tendes feito, não tenha tido uma palavrinha para vos agradecer, de todo o coração. E prometo contactar convosco com mais frequência.

Continuo a ensinar o meu filhinho de 6 anos a amar a Obra de Pai Américo. E ele, que é filho de mãe solteira, já compreende como se sentirá uma criança sem o amparo do pai e da mãe. Deus vos abençoe e vos ajude a serdes fiéis ao espírito que animou o Pai Américo a quem venero desde criança.»

Outra vez Lisboa:

«Junto a importância do livro «O LODO E AS ESTRELAS», que foca, com um realismo impressionante, a realidade que nos envolve, infelizmente em larga medida.

A condenação da estrutura social em que tais factos ocorrem às mancheias, diariamente, é flagrante, pelo que remeto outros 500\$00 a essa Casa como preito ao pensamento do autor — de abanar o que está basilamente errado.»

Covilhã:

«Há muito recebi o livro «O LODO E AS ESTRELAS» e ainda não enviei o meu contributo para ajuda da sua edição. Não por esquecimento só, mas também devido aos afazeres diários.

Como sempre, apreciei imenso e entendo que a leitura dos livros editados pela Casa do Gaiato são um alertar de consciências que, por vezes, neste vivém da vida moderna, chegam a ficar

a toda a equipa do Coliseu que nos acompanhou na Festa. Obrigado!

No final, regressámos a Casa, conjuntamente com os pequenos «actores». Estes dormiram, almoçaram e assistiram à Missa, pois era a primeira Sexta-feira do mês.

Por volta das 13,30 h. partiram para Aveiro:

Muita pena temos de não podermos conviver mais vezes com outras Comunidades da nossa Obra!

APELO — Não se trata de um pedido mas sim de chamar à atenção para os nossos amigos estudantes.

«Eu penso que no nosso Lar do Porto também há que contar, por isso pedia que os nossos estudantes se abrissem um pouco a fim de darem notícias do Lar.

Vamos lá a ver se não vos esquecemos de dar notícias!

«Marcelino»

adormecidas de suas obrigações para com os Outros.

Gosto muito de ler «O GAIATO», porque nele vemos o quanto há para fazer em proveito de uma sociedade justa, mas com base na caridade, no amor que Cristo pregou. Só assim haverá paz, entendimento entre todos.»

E fechamos com um apontamento saído na «Brotéria»:

«Sem espaventos publicitários, aqui temos uma obra autêntica de intervenção social, verdadeira, cristã, rigorosamente lírica (o «LODO E AS ESTRELAS»). Leitor comovido da primeira edição; espantou-nos que então fosse perseguida como subversiva e alegre-nos vê-la agora sair de novo à luz do sol, sem recriminações aureoladas de mártirio, mas nobremente anticonvencional, acrescida de novas páginas africanas.

O lodo e as estrelas da vida dos infelizes de corpo e alma são os mesmos em Portugal e em Angola, em Venda Nova, Cabril, Castelo do Bode, Picote, como em Cambambe, Dondo ou Dangeia-Menha.

Quando lemos e ouvimos tanta recriminação odienta que enlouquece o mundo, conforta-nos a violência evangélica e amorosa deste livro que faz lembrar instintivamente o estilo e o espírito das melhores páginas do Padre Américo. Só homens assim conseguem ultrapassar certos moralismos tacanhos, incutindo-nos a única força definitivamente revolucionária contra a injustiça: «Se no fundo das nossas palavras e gestos pusermos o amor — nossas palavras e gestos viverão para sempre!»

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

«Quatrocentos escudos foi o dinheiro que no Natal de 1975 tive no sapatinho, do meu pai já falecido. Pois as filhas e as netinhas quiseram que o seu sapato estivesse também presente. Rendeu 460\$. É para o Pai Américo, para que também se lembre dele.» Veio de Troviscal esta carta e este donativo. Bem haja.

«De Portuense qualquer» 1.000\$ que «são a sexta parte de um dinheiro que recebi e com que não contava». Assinante 24121, de Guimarães, com 50\$. Duas anónimas com 500\$, por alma de seus pais. Em cumprimento duma promessa, 500\$ de A. R. R. C. B. Donativo de 20\$. Do Fundão, 100\$. Acusando mais uma presença, vai o nosso abraço aos «Avós de Sintra», com votos de melhoras. Cem de algues. Anónima com 1.000\$. De Murça, 500\$ do ass. 1377. Etelvina com 250\$. «Obra de Deus, para os Pobres», com 50\$+50\$. «Com muita simpatia», 400\$ de três Amigas. De Lisboa, da R. Rafael Duque, pessoa amiga com 2.500\$. «Em substituição de uma promessa» L. R. com 500\$. Da capital, 50\$. Sufr-

gando a alma de Maria José, 200\$. Ilda com 150\$. Mais 500\$ de alguém. Visitantes com 2.000\$. Os 100\$ em selos, da Amadora. «Velhota de Lisboa», com 1.000\$. Quatro presenças de 150\$, da mesma pessoa. «Humilde Portuense» com 500\$. Vale de 500\$ proveniente dum peditário realizado no Posto Clínico das Caixas de Previdência de Arcozelo — Gaia, entre todo o pessoal que ali presta serviço. De Vilar do Paraíso, cheque de 1.000\$. Amarante com 500\$. Vale de 750\$, «primeiro dinheiro ganho pelo meu filho Gerardo». Da nossa recoveira do Bairro da Pasteleira, a muita amizade e as migalhinhas que juntou, 600\$. Mais 390\$ que, pelo falecimento de seu marido, haviam dado para flores.

De Gaia, «um Pai de 7 rapazes que podiam ter tido a sorte do Victor... Em acção de graças». Vieram 300\$. O Victor é aquele pequenino cuja história Pe. Carlos nos contou há tempos no «Famoso». Cem de Oliveira de Frades. Anónimo com 2.000\$, entregues no Lar do Porto e vários donativos e encomendas, também en-

tregues à porta do Lar. Dum primeiro grupo de alunos do Magistério Primário de Guimarães, 580\$50. O segundo grupo deixou 401\$ e o terceiro, 400\$. De Gaia, 150\$. Mais 100\$ de Lisboa. Por alma de Francisco, 100\$. Do Fundão, 250\$. Assinante com 100\$. Para dividir pelo Calvário, 1.000\$. Anónimo com 50\$. Calçado do Porto. Também do Porto, da R. António Cardoso, 3.000\$, correspondentes aos meses de Janeiro, Fevereiro e Março.

Mil escudos de Bragança. Duma Helena, 100\$. De Ferreira do Zêzere, 1.000\$. Cebolais de Cima com 500\$. Velha ass. do Monte Estoril, 200\$. Em sufrágio de Ana da Conceição, 100\$. Oferta de 200\$. Maria Antónia com 260\$. «Portuense Maria» com 200\$, sendo metade pró Calvário. Por uma graça obtida, 20\$ de Ana. De «alguém», 50\$. O donativo de 100\$ e 200\$, com a legenda «A promessa que a minha gratidão não esquece». De Clara e José Flores, 70\$. De Lisboa, 200\$. «Uma figueirense» com 100\$. Para amêndoas, 500\$ de Amarante. Acrescento que, em datas festivas, há Amigos que nunca faltam com suas presenças. Desta vez, foi a Páscoa que passou.

Quinhentos escudos de Amarante, duma ass. de há cerca de 30 anos. 10 randos de «Uma Galviense». Cem em sufrágio de Manuel Passos e Conceição Passos. Ass. 16773, com 100\$. De Fiães, 500\$. Outros 500\$ de Alcanena. Do Pessoal Oficial do Sector da Areosa, dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, 150\$. «Por alma de meus Pais», 100\$ de Adelaide. «Folar» de Lisboa, com 500\$. Por alma de Mário, 70\$. Cheque de 6.000\$, entregue em mãos em Penafiel, mas de Amigos de Valinha — Monção. «Para os filhos de Pai Américo», 500\$ enviados pela Caridade. Mil escudos, «primeiro dinheiro que me veio dumã pensão». Da «Mãe que crê em Deus», 200\$. Do semanário «A Ordem», recebemos 5.000\$ e 250\$, de donativos a nós destinados, mas entregues naquele jornal.

Já com a crónica finalizada, mais uns donativos chegados no correio dos últimos dias:

Simpática oferta dos alunos da Escola ex-Masculina n.º 1, de Albergaria-a-Velha, com vários géneros alimentares. Assinante de Rio Tinto com 300\$. Selos usados de Oliveira de Azeméis. Encomenda da Covilhã. Duma viúva de Lisboa, 500\$. Amiga do Henrique com 780\$. Promessa a Pai Américo, de assinante do Porto, com 10.000\$. Mais 100\$ de Mamaia. Duzentos de S. João da Madeira. Duma Mãe de Matosinhos, 500\$ por alma de seu filho. Sessenta de anónima de Fânzeres. Cem em selos da Amadora.

Dum grupo de funcionários dos Correios dos Restaurado-

res, de Lisboa, um vale de 860\$ e muita amizade. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 100\$. Do «Grupo 20 Estrelas de S. Lázaro», 520\$. Cota mensal de 100\$. E mais 4 contos na igreja da Trindade. Cem de Oliveira do Douro. «Avós de Sintra», com 150\$. Roupas das Irmãs das Pobres do Pinheiro Manso. Casal de Lourosa visitou-nos e deixou bacalhau, açúcar, arroz, queijo, etc. Mil e quatrocentos do Porto. «Viúva Amargurada», com 300\$. E da Mãe que crê em Deus, 200\$. «Obra de Deus

— para os Pobres», 50\$. Do Fredy, do Souto (Vila da Feira), mil e tal escudos, que arranhou entre Amigos e mais 400\$ que lhe deram a ele. E um cheque de 4.000\$, sinal de penitência quaresmal dos Cristãos da Comunidade Paroquial de Vilar (Oeste). Chegou-nos pelas mãos do seu Pároco.

A terminar, carta com carimbo do Porto e uma nota de mil, com a seguinte legenda: «Para ajuda dos sapatos dum «Batatinha»»

Obrigado.

Manuel Pinto

O nosso Jornal

«Os alunos da Telescola de Sobral de S. Miguel lêem atentamente o vosso jornal. Dele têm tirado grandes exemplos para as suas vidas. Geralmente é lido nas aulas ao ar livre. Noto que estão sempre desejosos que chegue o jornal «O GAIATO».

Nunca tinham ouvido falar dele. Depois de terem compreendido que ele vinha de crianças como eles, pobres e sem amparo, o seu gosto aumenta. É admirável observar todas aquelas caritas pegando no jornal, quase que devorando todos os artigos...

A amizade sincera para todos.

A professora de Telescola»

«A vossa «desorganização» deixa-me admirado! Continuam a enviar «O GAIATO», pontualmente, a quem é nada pontual no seu pagamento! Nem mesmo depois do vosso postal — que envio para efeitos de ficheiro; postal esse que me veio lembrar aquilo que eu já sabia a meu respeito — a relativa falta de iniciativa! — não me vou desculpar com a falta de tempo nem com a falta de dinheiro. Sentia essa falta minha sempre que o vosso jornal chegava, sempre que o lia — umas vezes com mais interesse que outras, mas sempre com a sensação de ser um ser sem vontade de cumprir o meu dever para convosco. Até, a propósito do vosso tão anunciado livro «O Lodo e as Estrelas» cujos comentários daqueles que o recebiam, tanto o aconselham, eu não «conseguia» escrever-vos! Veio o postal! A minha «vergonha» perante os três filhos e a mulher!

— Tu não tens enviado a anualidade?

— Não!!

Eu já aí estive, em Paço de Sousa, e até tirei umas fotos a alguns jovens e ao «Leão» e isto após uma «mudança» profissional «decidida» em plenário de Trabalhadores! Rezei junto da campa do Padre Américo.

Ainda que sem prejuízos materiais, a dita situação profissional ainda se não estabilizou — isto é, estou ainda desmobilizado — como ora se diz — talvez seja, no fundo, esta a razão porque não sinto aquela vontade de fazer o que devo fazer. Ainda que a razão não seja essa, encontro «aí» a forma de me desculpar a mim mesmo. Aliás a única pessoa a quem gosto de me justificar! Outro dos meus defeitos!

Mas não peguei no papel, hoje, Domingo calmo e com sol, para vos escrever a contar os meus defeitos. Pretendo sim enviar-vos estes 500\$00 em cheque, para liquidar os meus débitos até ao fim deste 1976, agradecer-vos que me enviem o livro que referi «O Lodo e as Estrelas» e também o «Barredo» se para tanto chegarem. Se ainda sobrarem, que sejam para os Auto-Construtores, isto é, para aqueles que por si só tentam ter aquilo que a Sociedade lhes devia dar — uma habitação própria.

Resta-me dizer-vos que os jornais estão todos coleccionados e são, por vezes, motivo de «consulta» em especial nos momentos mais difíceis.

Agradeço as vossas atenções e faço votos de que tudo corra melhor que até aqui, para TODOS.

No caso de ficar ainda devedor — material — pois espiritual sê-lo-ei sempre, agradeço mo comuniquem.

Assinante 22086»

Luz na estrada

Era o dia 7 de Maio. Seguíamos para Aveiro, onde o nosso grupo de Miranda do Corvo e Coimbra actuou no Aveirense. Pelas estradas fora, enormes colunas de peregrinos, a pé, rumo a Fátima. Assinalamos muitos jovens, cuja presença nos calou fundo; talvez ainda a François e «Tiroliro», nossos companheiros de viagem. Somos uma Obra de Rapazes.

Em Aveiro demos as voltas habituais para que a Festa decorresse normalmente no Teatro Aveirense. Houve Amigos que ficaram de pé! Outros, regressaram tristes, sem lugar. Não-de ser os primeiros, no próximo ano...

Durante as nossas voltas acompanhámos espiritualmente os cristãos peregrinos. São imagens contudentes! Em dado passo, cruzámos na rua com um redactor de certo matutino. E, entre o programa da nossa Festa e a actual conjuntura nacional, ele sublinha a grandeza espiritual de quanto seus olhos — como os nossos, pecadores — viram ao longo das estradas, rumo a Fátima. Ambos tocados por igual motivação!

— Merece uma reportagem!...

— Em plena estrada.

— ...

— E porque não?! Transmíta a Redacção...

Entretanto, abordámos vários tópicos relacionados com a problemática das peregrinações; das carências de formação à possibilidade de mentalização do Povo cristão.

Lembrámos Pai Américo. O sinal de contradição que o levou a Fátima, em 1951, anunciando, em sua expressão carismática, o Mandamento do Amor consubstanciado no Património dos Pobres. Além do bem que tantos beneficiaram, e ainda beneficiam, de norte a sul do País.

Sim, da terra de Maria de Nazaré saiu uma chama incandescente! Pai Américo disse lá, em síntese, quanto afirmara no 1.º volume do «PAO DOS POBRES»: que o primeiro Mandamento não é somente o amor de Deus ou, no caso vertente, de Maria. «Isso era dantes, nos mestres da Lei antiga. Hoje, o Mestre ensina diferentemente; a pontos de os Apóstolos poderem ter dito ao mundo que todo aquele que diz amar a Deus (ou a Maria) e não ama igualmente o Próximo, esse mente».

Damos graças a Deus pelo testemunho de fé, de civismo, de liberdade de consciência do Povo peregrino, mau grado os profetas que por aí abundam.

Júlio Mendes

Setúbal

● Noutro dia morreu-nos um dos nossos. Estava na roda dos treze anos. Não te digo de como nasceu por não saber a «verdade». Sem família, a rua não pôde dar-lhe escola, nem noções de lisura. A indiferença do homem pelo outro homem trouxe-nos este, como tantos outros que chamamos nossos por não haver quem dê ambiente suficiente para que cada filho tenha os seus próprios pais. Nós sabemos de muitos dramas e neles vemos a dor dos pais por não poderem ou não saberem ter consigo os seus próprios filhos.

Hoje, que tudo prega o Socialismo, e não sei que mais de direitos humanos, reparamos que tudo isto se afasta da vivência que as palavras dizem. O «eu» de cada um cega e não deixa ver a pessoa dos outros. Cada vez dou mais razão àqueles que dizem que os «canudos» não dão a competência necessária para instruir, julgar ou curar.

Um jornal da cidade deu alarme nas suas páginas pelo facto deste rapaz ter morrido numa das enfermarias do hospital e não ter sido assistido como se fora um ministro ou pessoa «grande». Nós não queremos fazer alarde disto nem deitar pedras no caminho para que ele não se torne mais difícil de trilhar. Queremos, sim,

e isto é nosso dever, mostrar dentro das nossas posses onde a geração dos males que a sociedade tenta afogar. O abandono nos hospitais ou noutros lados, não provém da incompetência de instrução no curso que cada um tirou. É a cegueira, é a escola que esquece o amor do semelhante. A deturpação do ensino tem julgado antiquadas todas as formas que levam a ver nos outros o nosso irmão.

Daí que o nosso Sebastião Luís foi diferente do ministro ou doutra pessoa importante. E tantos foram os que passaram por ele e pela mãe mais pela barraca onde o pai morreu mirrado por um conjunto de doenças!... Passaram, mas as suas vidas não podiam olhar para aquelas coisas. Também ali passaram jornalistas sociólogos e não tiveram que contar nem que elaborar! Nem as redacções deixaram a política para deitar mão àquele pai, àquele pai ou àquele rapaz. Até o operário por ali passou e não quis enxergar que podia tapar as frestas por onde entrava a chuva e o frio.

O mal aparece por termos possibilidades de fazer o bem e fugirmos. Isto é egoísmo! Isto não é a lembrança e muito menos o amor do homem pelo outro homem. Ele há gente que arranca da sua consciência um rosário de pecados e esquece o maior de todos — o de omissão.

Quem de nós é capaz de se escusar do mal que existe na nossa sociedade? Tantos discursos e bonitas frases, tantos «eus» a mostrarem ser a salvação. E de tudo isto nós sofremos porque a Verdade continua ofuscada nas consciências. O materialismo abunda e dele

o esquecimento, a consciencialização do amor pelo semelhante de onde tem que sair o princípio dum curso de competência.

Não é no «canudo» que está a formação duma sociedade.

Que bom será quando no ensino se fizer a «continência» ao amor pelo semelhante. «Amai-vos uns aos outros.»

● Hoje, dia 1 de Maio, festa do Trabalhador, não podemos ir às manifestações. As nossas oficinas pararam, mas na quinta colhemos favas e arrancámos batatas. O almoço foi batata nova, e favas semeadas, cultivadas e colhidas por eles. Como não de ter saboreado esta comida! De tarde houve futebol com outros Trabalhadores dos arredores. Houve, também, os que saltaram, correram e até quem, como eu, aproveitou para ir dormir uma valente soneca. Vivam todos os Trabalhadores!

● Festas. As nossas Festas. Nós e vós precisamos delas. É o encontro da nossa grande Família. É como que a desobriga dos mais «preguiçosos». É o diálogo dos de dentro mais os de fora. É como que a visita pascal a casa de cada um. O ano passado falhámos e este ano falhámos se não fosse o entusiasmo nas perguntas que nos têm feito, as constantes picadelas do Américo Correia para que o sr. Pe. Aclio fosse a Lisboa buscar o gravador mais outras coisas. Tudo tem concorrido para que este ano haja a nossa tradicional Festa em vários pontos do distrito.

O prato forte será a participação dos grandes e pequenos. Os «Batatinhas» têm como professor, escritor e maestro o «Aleluia». À hora que te escrevo, não sei bem as datas mas alguém te dirá delas. Olha que não basta comprar bilhetes, é preciso que vás.

Ernesto Pinto

FESTAS

No dia 30 de Maio os nossos Amigos de Lisboa — como outros, noutros lados — podem fazer encontro com a Casa do Gaiato no Cinema Monumental. Por motivos que não pudemos ultrapassar, a nossa Festa este ano será às 11 h. da manhã. Talvez com maior sacrifício da vossa parte, mas acredito que a casa estará cheia. Não deixem de convidar os

vossos amigos a irem ao Monumental estar connosco.

As Comunidades de Miranda do Corvo e de Coimbra terão este ano a seu cargo o espectáculo..., o que devido às suas tradições nos promete êxito assegurado.

Contamos contigo. Até breve. Entretanto, aí vai o calendário da tournée.

Padre Abel

23 de Maio	— Teatro Alves Coelho — Arganil
24 » »	— Cinema do Casino Peninsular — Figueira da Foz
27 » »	— Cine-Teatro Messias — Mealhada
30 » »	— Monumental — Lisboa (11 h.)
4 de Junho	— Cine-Teatro José Lúcio da Silva — Leiria
11 » »	— Teatro de Anadia — Anadia
12 » »	— Casa do Povo de Mira
13 » »	— Teatro Avenida — Coimbra

TRIBUNA DE COIMBRA

Durante vários sábados e domingos percorremos as igrejas de Coimbra e procurámos ser recoveiros. Recoveiros levando e deixando a palavra do Senhor e trazendo o pão que repartiram connosco e que repartimos também. A palavra do Senhor que levámos e deixámos é uma palavra viva: palavra do Senhor presente na vida dos homens e de modo especial na vida dos homens mais sofrendores. O pão que repartiram connosco e que trouxemos é pão para o nosso pão. É tão bom repartirmos o pão! Como pode haver quem não goste de repartir o pão? Há tantos homens infelizes porque não gostam de repartir! Há tantos infelizes porque não encontram quem reparta com eles!

Tem-nos chegado outro pão repartido: em carta, em vales, em cheques, à mão, em casa, de muitos modos. Este pão de hoje chegou-nos de Janeiro para cá: 200\$ de Ribai-Ul; 50\$, mais 2.000\$, mais 500\$, mais 500\$ em Santa Cruz; 3.000\$ que pai veio trazer e que filho quis ficar escondido; 1.000\$ à porta de Santa Cruz; 500\$ no casamento da filha e agora voltou; todos os que foram levar a nosso Lar; todos os que vieram trazer a nossa Casa; todos os que se dirigiram à Casa do Castelo.

Cem em vale; 100\$, mais 200\$ da «amiguinha da Pereira»; 100\$, mais 200\$ de Vilar Formoso; 100\$, mais 50\$ numa ultreia; as prestações mensais; 500\$ de S. Martinho; 750\$ de Castelo Branco; 240\$ de alunos de Escola Técnica; 1.000\$ de festa de Natal; 500\$ no aniversário da avó Conceição; 500\$, mais 1.000\$ da Covilhã, pela mãe Ana; 1.000\$ do Fundão a pedir nossas lembranças no Altar; 1.100\$ de Leiria com o mesmo pedido; 100\$ do nosso Dentista; 1.000\$ em cheque de casal francês; visitantes; 2.500\$+500\$+1.000\$ de vizinhos; 100\$+100\$ de C. A.; 2.000\$ em vale de Alcobaca. As mensalidades de anónima de Miranda; 100\$+100\$+1.000\$ de visitantes; 100\$ do Estoril a pedir a Deus por grande aflicção familiar; 1.000\$ em casa de família amiga; 250\$ de alguém do Emissor; 500\$ em vale; 1.500\$ em vale de Lisboa; batata, laranja e muitos mimos na minha aldeia; 200\$ em vale de Coimbra; 200\$ de ordenado; 120\$+100\$ em agradecimento; 500\$ de noivos; 4.000\$ que eram de senhora que Deus chamou; 100\$ de estudante; as amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; 250\$ ao vendedor de Tomar e muitas outras lembranças ao mesmo.

Quinhentos em vale de Lisboa e 100\$ da mesma terra e do mesmo modo; 500\$ em casa de Amiga falecida; 100\$ ao vendedor da Figueira; 350\$ que fomos buscar; 2.000\$ de alguém a pedir a ajuda de Deus; 100\$ da mão de professor universitário; 500\$ em vale de Dafundo; outra quantia que vieram trazer e pediram uma Missa; 2.000\$ de Castelo Branco; 200\$+100\$ ao vendedor de Castelo Branco; 1.000\$ de casal nosso; 250\$ da Auto-Industrial; 1.000\$ por uma graça; 1.000\$ em cheque de Aveiro; as amêndoas da Páscoa de muitos amigos.

Muito obrigado Senhor pelo pão repartido entre irmãos.

Padre Horácio

10.º Dia Mundial das COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Cont. da PRIMEIRA pág.

brotam deveres e vice-versa, e que «só da educação para o dever nasce a educação para o respeito dos direitos». (Doc. citado).

«Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre. Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.» (Pai Américo) Eis as directrizes que Pai Américo nos deixou, profundamente sintonizadas com a temática proposta para o evento assinalado. «O GAIATO», segundo as suas possibilidades, como instrumento de comunicação social que é, quer continuar na linha do seu Fundador, a «pregar aos homens a mensagem da Salvação» (L. G., I, 3); certo, também, que «neste serviço que empenha os instrumentos de comunicação social na proclamação e na actuação dos direitos e deveres do homem, os católicos deverão encontrar-se na primeira linha, dado que a comunicação social e especialmente a comunicação dos valores humanos fundamentais é, para todos os cristãos, não só um dever mas também um privilégio, originado pela relação do amor que os une ao Pai Celeste e que, por sua vez, é fruto do infinito Amor que une o Pai ao Seu Verbo Encarnado, Amor que tem um nome: o Espírito Santo, «princípio de caridade e de unidade» (L. G. II, 9) (Doc. citado).

Opinião

Cont. da PRIMEIRA pág.

Posto isto, claro que não parece justa tão extrema discriminação salarial entre Auxiliares e diplomados com o Curso Geral. Mas valerá apenas este motivo, ou um melindre de classificação académica, para acabar com os cursos de Auxiliares? Pois não será fácil de ajustar dentro de limites mais razoáveis estas diferenças?

O respeito mútuo fundado na igualdade essencial da pessoa e na disponibilidade para idêntico serviço — não chegará para acabar com pruridos de formaturas mais breves ou mais longas e para a aceitação recíproca de uma certa diferença de ordenados que não atinja as raias do escandaloso?

Mais: com a possibilidade de se vencer esta diferença pela concessão de facilidades para que os Auxiliares em exercício se vão valorizando intelectualmente em ordem a um nivelamento com os do Curso Geral?

Que impere o bom-senso! Num sentido autêntico de serviço do Povo!

E esperemos que o próximo ano lectivo nos traga a reabertura dos Cursos de Auxiliares de Enfermagem e de Educação Infantil.

Padre Carlos



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa